

BURACO NEGRO

ao jeito de BB

José Pires Laranjeira (Portugal)

Ainda estamos vivos
no bairro de onde não saímos.
O sol queima
sem a dor da noite. Que esplendor!
A chuva rítmica
sob os cobertores
de tamborilar
a língua
como é benquista.
E é isso que conta
ou que canta.

Alguns bisavós andam por aí
completos
incomensuráveis
como quando não havia
grandes novidades
na música e no mais
da calmaria.
Mas têm falta de ar e couves
em altos quintais
suspensos e perfumados
pela tuberculose.

Os pais dos ancestrais
já não moram cá
e ninguém ilustrou
os seus olhos delicados
no murro da memória.
Cortamos as mãos às biografias
e nada acontece.
Apenas alguns retratos
esvaídos em cinzento
e o sorriso do foguetório ritual.
Não queremos não
não queremos
mas aqui na margem insistimos
sentados
a tarde inteira
a vida toda
sem remédio.

Seguimos sem saber.

Ninguém no outro lado sabe.
A vizinha portanto
não sabe
porque de súbito chora.
Esqueceu tudo lá atrás
e agora sozinha
pensa mal. Não pensa
mesmo nada.

Ninguém se aproxima devagar
com muito medo de chegar.
Não há ruas. Já se sabe
mas pouco importa
porque a intriga se repete
sem intriga.
O zero existe. O nada não.
Não há ninguém. Apenas médicos
e engenheiros mentais.
Não há nada.
Mas o zero existe
igual
ao infinitamente nada.

Apenas palavras lentas
e flores de circunstância
desfolhadas sem nexos.
Como um filme negro
infinitamente branco.
Como a garganta com musgo
e os olhos moídos
como vidro
ou como se a terra apodrecesse
comovida
pela lancinante levadeza.
Morrer só
de só morrer
e mais nada.
Nada mais.
Mas os netos? Será que escrevem?
Tenho muitas dúvidas.

A ave que voou do egito
pernoita
e não vai a bar nenhum
há quanto tempo
porque ninguém vai.
Perdeu a noção de ser
e nunca mais se alevanta
nunca mais
das colheitas do alentejo.

Não vamos a rio nenhum
sem saber se há turismo.
Não digas nada ao Edgar
absolutamente nada
a esse grande filho de uma cadela!
Sujeito perigoso de todos os poemas
que serve apenas ao poder
de abocanhar
o nosso desejo
a desejar.

Vamos ao egito piramidal
vamos ao egito.
Vamos lá desanuviar
com chuva ensolarada
e felinos negros
ancestrais.
Vício das maravilhas
vírus da vida à luz do nilo
que o buraco negro inspira.
Vamos lá sair daqui.

Coimbra, Vale das Flores, maio/junho de 2020